

## NOS TRILHOS DE JAKOBSON

Róbison Benedito Chagas\*

---

**Resumo:** Este pequeno estudo traz à tona reflexões e homenagem poética de Paulo Leminski para o lingüista Roman Jakobson e sua preocupação poético-lingüística sobre os rumos da linguagem. **Palavras-chave:** literatura, poesia, palavra, linguagem, Leminski, Roman Jakobson

---

A poesia foi a minha primeira paixão.

*Jakobson*

Em 1963 aconteceu em Belo Horizonte a Semana Nacional de Poesia de Vanguarda e, mesmo para os que conheciam as revistas *Invenção* e *Tendência*, o olhar era perplexo diante dos poemas-cartazes e os ouvidos se incomodavam pela forma com que os integrantes do evento falavam dos “poetas discursivos” e destronavam os maiores ídolos da poesia brasileira. Ousadia para a época? Foi. Não obstante, conforme os moldes de 1922, o caráter produtivo decorrente do repensar do fazer poético e pela apreensão do “novo”, do considerado provocativo.

Se, naquele ano, o encontro foi uma ousadia e gerou polêmicas; ousadia maior foi a de Paulo Leminski, quando aos 18 anos empreendeu aventureira viagem – Curitiba a Belo Horizonte – para ser um dos 21 signatários do “*comunicado e conclusões*” do encontro. Consegue, desta maneira, a proximidade (e a cumplicidade) dos poetas que o estavam influenciando: Augusto e Haroldo de Campos e Décio Pignatari.

---

\* Universidade Estadual de Ponta Grossa

De lá para cá, numa viagem alucinante, por todas as estações poéticas alcançadas, vem causando reações diversas: alegrias, ódios, críticas, polêmicas; mesmo já decorridos tantos anos da parada na última estação: a das estrelas, em 1989.

Foi considerado marginal, mas nunca isso o incomodou, bastava-lhe o prazer de “despetalar” a palavra, ora em poema ora em prosa, tal qual Appolinaire à busca de uma nova linguagem. Leitor apaixonado, viajante incondicional de todas as literaturas e conhecedor de várias línguas, percebe-se, já em sua primeira obra, o romance experimental *Catatau*, sua preocupação em compartilhar com o leitor uma literatura aberta de pensamentos inéditos, de leveza, irreverência. De vanguarda?

La consciencia histórica del sentido de la vanguardia puede explicar, acaso, los componentes míticos de su proyecto. En primer lugar la vanguardia tiene un fundamento historicista que puede resumirse en el postulado: en cada momento de la historia no puede hacerse cualquier cosa. Por otra parte, la componente positivista de la modernidad tiende a considerar la objetividad como garantía del progreso. Finalmente, la consciencia lingüística de la realidad compromete al vanguardista en la reflexión sobre el lenguaje como vía de acceso a realidades nuevas: el lenguaje, pues, construye la realidad, no refiere un mundo preexistente.

Piñon in Bürger, 1987

Leminski, em *La vie en close*, nos mostra seus conhecimentos de História, Lingüística, Política e Literatura num poema-homenagem a Roman Jakobson considerado um dos maiores lingüistas do século XX. Jákovson (1896-1982) é responsável por relevantes contribuições partindo da Lingüística estrutural para a teoria da comunicação, à antropologia, à literatura (sobretudo à poética), à gramática, à tradução, à dialectologia etc. Acompanhou de perto manifestações de arte de vanguarda – cubismo e futurismo russos. Amigo de Maiakóvski e Khlebnikov, deliberava ao exercício da poesia o papel de decisão na gênese de suas idéias lingüísticas. Posto isso, compreende-se sua participação no Círculo Lingüístico de Moscou (1915-1920), do qual foi um dos fundadores, surgindo daí o célebre grupo dos formalistas russos<sup>1</sup>, pioneiros no que diz respeito ao moderno estudo científico da arte literária.

Em *om/záúm p/roman óssipovitch jákovson*, Leminski associa-se ao lingüista, ambos empreendedores de viagens incansáveis em busca da essência da linguagem e da poética.

---

<sup>1</sup> O Círculo Lingüístico de Moscou nasceu, sobretudo, da preocupação de jovens intelectuais russos da década de 1910-1920, com o aspecto simbólico do som da poesia. Voltavam-se eles com especial atenção para a substancialidade do poema, para a sua arquitetura formal, por assim dizer, razão por que foram depreciativamente chamados de “formalistas” pelos que defendiam um rígido sociologismo no campo dos estudos literários.

EU

O mundo desabava em tua volta,  
 e tu buscavas a alma que se esconde  
 no coração da sílaba SIM  
 Consoante? Vogal? Um trem para Oslo.  
 Pares, contrastes, Moscous, línguas transmentais.  
 Na noite nórdica, um rabino, viking,  
 sonha um céu de oclusivas e bilabiais.

RO

Um mundo, o velho mundo, árvore no outono,  
 Hitler entra em Praga, Rússia, revolútzia,  
 até nunca mais!  
 A labiavelar tcheca  
 só vai até os montes Urais.

PA

Roma, Rôman, romântico romã,  
 Jak, Jákov, Jákovson, filho de Jacó,  
 preservar as palavras dos homens.  
 Enquanto houver um fonema,  
 eu nunca vou estar só.

(Leminski)<sup>2</sup>

Podemos observar no poema a viagem de Paulo Leminski pela **EU-RO-PA** do lingüista, pelo EU pluralizado em inúmeras buscas, na descoberta da poesia de Mallarmé, Verlaine, Puchkin, línguas como o francês e o alemão, a lingüística e a poética, traduções – russo/tcheco – e a descoberta súbita de

diferença de musicalidade entre as duas línguas, a diferença de tonalidade entre o russo e o tcheco, duas línguas muito próximas por suas raízes e bases lexicais mas com preferências fonológicas

---

<sup>2</sup> LEMINSKI, Paulo. La vie en close. São Paulo: Iluminuras, 1992

muito diversas, ainda que bastante próximas para que se perceba ser preciso muito pouco para que a diferença pertinente mude.

(Faye in Dosse)<sup>3</sup>

Seria essa a alma que se escondia no coração da sílaba SIM, que Jákobson buscava em meio aos destroços do mundo que desabava a sua volta?

Um dos pontos destacados pelo lingüista e que o impulsionou nas questões da poética – especialmente num trabalho sobre Khlébinikov – diz respeito à rima na nova poesia russa, “as consoantes são mais valentes que as vogais”. “Em suma, trata-se de uma particularidade da eufonia contemporânea”, o que fica confirmado em seu livro “*Diálogos*” com Krystyna Pomorska.

No verão de 1930, enquanto me preparava para a conferência fonológica convocada pelo Círculo Lingüístico de Praga para dezembro, cheguei à certeza de que devia haver uma analogia interna entre a sistemática das vogais e das consoantes, e de que era indispensável analisar sistematicamente as semelhanças e os contrastes culturais entre essas duas classes fundamentais de fonemas... estava ali o objetivo seguinte da análise comparativa de vogais e consoantes. (Jakobson & Pomorska)<sup>4</sup>

No poema, tal se evidencia mediante as interrogações leminskianas “*Consoante? Vogal?*” Para Jakobson, a linguagem não tem limites, é como um trem, uma máquina em que se articulam vagões (fonemas) e a composição se forma, em linha reta ou sinuosa, como num poema. Sua musicalidade é inerente à língua, trilhos sobre os quais está a máquina. Estações?

Em “*Moscous*”, a cidade mãe. Composta de muitas, abrigo e fascínio de tantos viajantes: Walter Benjamin, Blaise Cendrars e César Vallejo

Digo a mim mesmo que minha simples presença diante desta fortaleza, Moscou, já significa um primeiro triunfo...

(Benjamin)<sup>5</sup>

J'étais à 16000 lieux du lieu de ma naissance

J'étais à Moscou, dans la ville des mille et trois clochers et des sept gares

Et je n'avais pas assez des sept gares et des mille et trois tours

<sup>3</sup> DOSSE. François. História do estruturalismo: o campo do signo, 1945-1966. v.1. São Paulo: Ensaio/ Campinas: Ed. da UNICAMP, 1993.

<sup>4</sup> JAKOBSON, Roman & POMORSKA, Krystyna. Diálogos. São Paulo: Cultrix, 1985.

Car mon adolescence était si ardent et si folle  
 Que mon coeur, tour à tour, brûlait comme le temple d'Éphèse ou  
 comme la Place Rouge de Moscou  
 Quand le soleil se couche...

(Cendrars)<sup>6</sup>

Contemplando el panorama de Moscú, desde una de las torres del Kremlin, pienso en la ciudad del porvenir. Cuál será el tipo de la urbe futura? La ciudad del porvenir, la urbe futura, será la ciudad socialista. Lo será en el sentido en que Walt Whitman concibe el tipo de gran ciudad: como el hogar social por excelencia, donde el género humano realiza nos grandes ideales de cooperación, de justicia y de dicha universales...

(Vallejo)<sup>7</sup>

Se para uns, Moscou foi chegada, para Jakobson foi ponto de partida. Dela partiu o “rabino-viking” para a peregrinação: Praga, Copenhague, Upsala, Oslo... a noite nórdica. Nesta estação, uma referência curiosa do EU-Rôman. O Rôman poeta, escondido sob o pseudônimo de Aliagrov, publicou em 1916 com Krutchônikh o volume de poemas Zaúmnaia Gniga<sup>8</sup>.

Num segundo momento do poema, outra estação: RO. Dois fonemas. A sílaba inicial do nome do homenageado, Rôman e o velho mundo. Europa, terra donde árvores brotaram em línguas, agora faz-se outono. Dificuldades: Hitler entra em Praga (1939), com as tropas nazistas, fazendo com que o lingüista se refugie nos países nórdicos e depois na América em 1941.

E a Rússia, a revolútzia, ficaram para trás? “até nunca mais!”

Será que o universo de Jákovson não está além da revolútzia, o trilho lingüístico da labiavelar tcheca “só vai até os montes Urais?”

Na terceira estação, fonemas formam a sílaba **PA**. Esta sílaba está na frente da mais alta expressão do pensamento: paravla, paraura, parabile, parabola, palavra, palabra, parola, parole. Neste momento da viagem, Leminski faz paradas em pequenas estações etimológicas

<sup>5</sup> BENJAMIN, Walter. Diário de Moscou. São Paulo: Cia. das Letras, 1989.

<sup>6</sup> CENDRARS, Blaise. Poesía completa. Traducción de Víctor Goldstein, Buenos Aires: Librerías Fausto, 1975.

<sup>7</sup> VALLEJO, César. Rusia en 1931: reflexiones al pie del Kremlin. 3.ed. Lima: Labor, 1985.

<sup>8</sup> Zaúm é transracional/ transmental (sugerido por Bóris Schnaiderman; Gniga é uma composição – contaminação provocadora – de kniga (livro) e gnida (lente) = Livro Transmental. Zaúm foi reutilizado por Leminski para o título do poema. (ficou-me a incógnita sobre o vocábulo “om”, russo ou tcheco?)

para que o leitor tenha uma visão do lingüista pelas janelas da aliteração, “Roma, Rôman, romântico romã, Jak, Jákob, Jákobson, filho de Jacó”. Rôman das línguas romances, do sermo rusticus de Roma, da romã que, em madura, se parte e espalha suas sementes, seus fonemas, suas palavras... árvores. România. Rôman. Filho de Jacó: Jákob-son. Jákobson. Rôman Ossipovitch Jákobson, o Homem dos múltiplos sons, aquele que jamais iria se sentir só, bastava-lhe “um fonema” mesmo que o céu de oclusivas e bilabiais fosse apenas um sonho e, como ele próprio disse: “A questão das relações entre a palavra e o mundo diz respeito não apenas à arte verbal, mas realmente a todas as espécies de discurso.”

Em *O que é poesia?*, o lingüista diz que toda expressão verbal estiliza e transforma, num certo sentido, o conhecimento que descreve. Leminski faz do poema em estudo uma espécie de prólogo, uma apresentação estilizada de Rôman Jákobson, colocando-o em estações: **EU**, **RO** e **PA**, anunciando assim de forma bastante criativa as incursões do lingüista pela poética e pela lingüística. Dessa forma o poema torna-se quase um enigma, sendo necessário que o leitor excursione pelos trilhos jakobsonianos para sabê-lo melhor.

Como Leminski era uma pessoa atenta e observadora de todos os movimentos da máquina-palavra, soube, sem dúvida, fazer valer a afirmação de Sapir: “a ideiação reina suprema na linguagem”, trilhando, dessa forma um caminho de prosa e poesia de grande destaque na literatura brasileira de hoje.

## Referências:

BENJAMIN, Walter. **Diário de Moscou**. São Paulo: Cia. das Letras, 1989.

BÜRGER, Peter. **Teoría de la Vanguardia**. Barcelona: Península, 1987.

CENDRARS, Blaise. **Poesia completa**. Traducción de Víctor Goldstein, Buenos Aires: Librerías fausto, 1975.

CUNHA, Antonio Geraldo da. **Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa**. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.

DOSSE, François. **História do estruturalismo: o campo do signo, 1945-1966**. v.1. São Paulo: Ensaio; Campinas: Ed. da UNICAMP, 1993.

JAKOBSON, Roman. **Lingüística e comunicação**. 14.ed. São Paulo: Cultrix, 1991.

\_\_\_\_\_. O que é a Poesia? In: TOLEDO, Dionísio (org.) **Círculo Lingüístico de Praga: estruturalismo e semiologia**. Porto Alegre: Globo, 1978.

\_\_\_\_\_ & POMORSKA, Krystyna. **Díálogos**. São Paulo: Cultrix, 1985.

LEMINSKI, Paulo. **La vie en close**. São Paulo: Brasiliense, 1991.

VALLEJO, Cesar. **Rusia en 1931**: reflexiones al pie del Kremlin. 3.ed. Lima: Labor, 1985.